



XXVIII ENFERMAIO

Repercussões das mudanças climáticas no mundo e sua influência na saúde

REALIZAÇÃO:



APOIO:



MANUTENÇÃO DO PICC EM PACIENTES ONCOPEDIÁTRICOS: DA OBSERVAÇÃO À PRÁTICA ACADÊMICA

Lais Vieira de Aguiar¹

Karine Barbosa Giffoni²

Maria de Fátima Cabral Amador Mourão³

Lia Luna Baima⁴

Camile Iraci Albuquerque da Silva⁵

Ana Valeska Siebra e Silva⁶

TRABALHO PARA PRÊMIO: GRADUAÇÃO - EIXO 4.1.3: ENFERMAGEM EM SAÚDE DA MULHER E SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

RESUMO

O cateter venoso central de inserção periférica (PICC) é um dos dispositivos de acesso vascular utilizados em pacientes pediátricos oncológicos para a administração segura de quimioterapia, medicamentos, nutrição parenteral e outros tratamentos intravenosos de longa duração. Para assegurar a integridade do PICC, é essencial que seja feita a manutenção apropriada do cateter a fim de prevenir complicações, garantindo a segurança do paciente e a eficácia do tratamento. Este relato de experiência tem como objetivo descrever a vivência de acadêmicos de Enfermagem do 8º semestre da Universidade Estadual do Ceará (UECE) na observação e prática da manutenção do PICC em pacientes oncopediátricos, durante o estágio curricular supervisionado da disciplina de Saúde da Criança, no contexto do Time de Acesso Vascular (TAV) em um hospital de referência no atendimento infantil de alta complexidade de Fortaleza, no Ceará.

Palavras-chave: Enfermagem pediátrica; Formação acadêmica; PICC

1. Acadêmica de Enfermagem. Universidade Estadual do Ceará
2. Especialista em Pediatria e Neonatologia, Centro Universitário Estácio
3. Acadêmica de Enfermagem. Universidade Estadual do Ceará
4. Acadêmica de Enfermagem. Universidade Estadual do Ceará
5. Acadêmica de Enfermagem. Universidade Estadual do Ceará
6. Doutora em Saúde Pública. Universidade de São Paulo
E-mail do autor: laisv.aguiar@aluno.uece.br

INTRODUÇÃO

O *Peripherally Inserted Central Catheters* (PICC) ou Cateter Venoso Central de inserção periférica é um dispositivo muito amplamente utilizado na assistência a pacientes pediátricos oncológicos que necessitam de terapia intravenosa de longa duração. O PICC é inserido em uma veia periférica e avançado progredido até a veia cava, com sua localização final em junção cavo-atrial, o que permite a administração segura de quimioterápicos, medicamentos, nutrição parenteral, infusão de hemoderivados e outros tratamentos intravenosos, minimizando, assim, a necessidade de punções venosas repetidas e, além disso, reduzindo complicações associadas a acessos centrais convencionais, sendo fundamental para o manejo de crianças em tratamento oncológico. Para garantir eficácia e segurança do PICC, a manutenção desse cateter exige técnica rigorosa e assertiva além protocolos bem estabelecidos, sendo a equipe de enfermagem a principal responsável por esse cuidado (BRASIL, 2021).

No contexto de pacientes pediátricos oncológicos, existem características únicas que tornam sua assistência mais complexa. Além das diferenças fisiológicas próprias da infância, como veias de menor calibre e com maior mobilidade, ocorre a maior vulnerabilidade a infecções devido a terapia com imunossupressão (SILVA; DOMINGOS, 2023). Acrescenta-se também, fatores emocionais e de comportamento que exigem tipos de abordagens diferenciadas.

O medo do ambiente hospitalar, a dificuldade inerente em expressar sintomas e a necessidade intrínseca de envolver a família no cuidado tornam a atuação do enfermeiro ainda mais delicada, como afirma Pereira, Lopes e Santos (2021). Estudos apontam que a manutenção do PICC em crianças exige não apenas conhecimento técnico, mas também uma abordagem lúdica que atenua o impacto emocional do procedimento (SOUZA; OLIVEIRA; SILVA, 2020).

Criados pela necessidade de otimizar a inserção, manutenção e monitoramento de dispositivos de acesso venoso como o PICC, os Times de Acesso são uma equipe que pode ser composta apenas por enfermeiros, ou multidisciplinar como é o caso das comissões de acesso. Estes grupos são formados por profissionais especializados que contribuem para a qualidade da assistência por meio da aplicação das melhores práticas, estabelecimento de protocolos e monitoramento de indicadores, colaborando com outras equipes para otimizar processos e reduzir complicações (MELO et al., 2022).

Para acadêmicos de enfermagem, vivenciar os processos de cuidado do PICC em ambiente oncopediátrico representa um aprendizado muito importante, que vai além do

domínio técnico-científico dos procedimentos, mas envolve, também, a humanização do cuidado. Durante o estágio curricular supervisionado da disciplina de Saúde da Criança, os estudantes do 8º semestre da Universidade Estadual do Ceará (UECE) tiveram a oportunidade de acompanhar o TAV de um hospital de referência no atendimento infantil de alta complexidade em Fortaleza, no Ceará, observando e participando da manutenção do PICC em crianças com câncer. Esse contato permitiu a compreensão dos desafios práticos e emocionais do cuidado pediátrico oncológico, além do fortalecimento da relação entre teoria e prática direcionada.

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo relatar a vivência de acadêmicos de enfermagem no espaço do Time de Acesso Venoso na manutenção do cateter venoso central de inserção periférica (PICC) em pacientes oncopediátricos, destacando as singularidades do cuidado com esse público, os desafios enfrentados pelos profissionais e a importância indispensável da prática supervisionada na formação acadêmica.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo, de natureza qualitativa, tipo relato de experiência, que tem como objetivo descrever vivências em determinado contexto profissional e acadêmico. O relato de experiência permite refletir sobre práticas e aprendizados, contribuindo, assim, para a construção do conhecimento (MIRANDA; MEIRELLES, 2020).

A coleta de dados foi realizada por meio da observação e participação direta nas etapas da manutenção do PICC oncopediátrico, ocorrendo no período de 03 de fevereiro de 2025 a 19 de fevereiro de 2025, em um hospital público de referência no atendimento infantil de alta complexidade em Fortaleza, no Ceará. A análise dos dados colhidos foi realizada de forma descritiva e reflexiva, destacando os desafios, os aprendizados e as contribuições da experiência para a formação dos acadêmicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O cateter PICC é uma tecnologia de primeira escolha para pacientes que necessitam de terapia intravenosa prolongada, sendo especialmente essencial no tratamento de crianças com câncer. Sua inserção é realizada por enfermeiros e médicos capacitados, garantindo um acesso vascular seguro para a administração de quimioterápicos, medicações, infusão de hemoderivados, entre outros tratamentos, sendo que a manutenção do cateter PICC é realizada principalmente pela equipe de enfermagem.

Na pediatria oncológica, sua aplicação é particularmente vantajosa, pois, conforme Bergami, Monjardim e Macedo (2012), reduz a necessidade de novas punções, contribui para a preservação da rede venosa, minimizando o desconforto, melhorando a qualidade de vida e atenuando o risco de complicações associadas a acessos venosos periféricos frequentes.

Neste contexto, cuidados mais rigorosos para evitar complicações como infecções, que afetam de maneira mais agressiva pacientes pediátricos com câncer, e facilitar a aceitação do tratamento são medidas indispensáveis. Além dos conhecimentos técnicos-científicos acerca das características fisiológicas das crianças, os profissionais que atuam com esse dispositivo precisam estar cientes que abordagens tradicionais aplicadas sobre adultos são pouco efetivas em pacientes pediátricos visto as suas particularidades emocionais e comportamentais. Dessa forma, é essencial que esses profissionais adquiram a habilidade de tornar o momento de manutenção do PICC algo mais leve e lúdico.

Pensando nisso, o espaço do TAV, onde é realizada a manutenção do PICC em crianças, foi cuidadosamente planejado para oferecer um ambiente lúdico e acolhedor, objetivando minimizar o estresse e a ansiedade dos pacientes. Com decoração colorida, brinquedos, desenhos animados e profissionais treinados para interagir de forma humanizada, o local é devidamente projetado para tornar o momento dos procedimentos menos traumáticos. Essa abordagem contribui significativamente para a aceitação da terapia, garantindo que as crianças se sintam mais seguras e confortáveis durante os cuidados necessários.

Outro fator muito importante nesse processo é o empoderamento da criança como protagonista no seu próprio cuidado. Segundo Eler e Albuquerque (2019), envolver a criança nas decisões e procedimentos feitos no seu corpo, com devido respeito com o seu nível de compreensão e desenvolvimento, fortalece sua autonomia, independência e colaboração no processo terapêutico. Além disso, a inclusão da família no processo de cuidado é essencial, pois a rede de apoio oferece suporte emocional e contribui para a continuidade da atenção no ambiente domiciliar.

Levando em consideração todas as peculiaridades do cuidado pediátrico ao paciente oncológico, o estágio curricular supervisionado se mostra uma etapa indispensável na formação acadêmica dos estudantes da área da saúde pois além de concretizar o conhecimento teórico de sala de aula, permite que os estudantes tenham vivências em diferentes contextos e contato com as mais diversas realidades biopsicossociais. Dentro da disciplina de saúde da criança, essa experiência contribui para que o estudante compreenda a

complexidade do cuidado infantil e desenvolva a habilidade de comunicação com pacientes pediátricos e sua família.

Entre os dias 03 de fevereiro e 19 de fevereiro de 2025, os acadêmicos de enfermagem tiveram a oportunidade de vivenciar na prática a manutenção do PICC pediátrico. Nos primeiros dias, o sentimento predominante foi o receio, dado o nível de complexidade dos pacientes oncopediátricos e a toda responsabilidade que envolve o cuidado infantil. Além disso, a insegurança quanto à percepção das famílias, temendo julgamentos sobre sua atuação como estudantes, foi, também, um dos desafios iniciais.

Entretanto, à medida que foram acolhidos pela equipe e inseridos na rotina do setor, os acadêmicos encontraram um ambiente muito bem estruturado e propício para o aprendizado. A abordagem humanizada dos profissionais e a atmosfera lúdica do TAV deram confiança, permitindo que, após a fase de observação, os estudantes pudessem auxiliar e até executar alguns procedimentos, consolidando seu aprendizado e fortalecendo sua autonomia na prática assistencial.

Durante a experiência no ambulatório de oncologia, os estudantes participaram da rotina de manutenção dos cateteres PICC. Observaram o rigoroso protocolo do TAV, que incluía a inspeção detalhada do sítio de inserção do cateter, a avaliação da integridade da pele sob a película protetora, a verificação da ausência de sinais de infecção ou complicações e a confirmação da patência do cateter através do fluxo e refluxo sanguíneo. Essa vivência proporcionou um aprendizado valioso sobre a importância do cuidado minucioso e da técnica adequada na manutenção de dispositivos vasculares em pacientes oncológicos.

Dessa maneira, a experiência vivida no espaço do TAV foi essencial para a formação dos acadêmicos de enfermagem, proporcionando um aprendizado que vai além da técnica, mas também aspectos emocionais e humanísticos do cuidado pediátrico. A vivência prática não só consolidou os conhecimentos adquiridos em sala de aula como também permitiu que os estudantes desenvolvessem autoconfiança, empatia e habilidades de comunicação fundamentais para a assistência infantil. A transição do receio inicial para a execução assertiva dos procedimentos evidencia, mais uma vez, a importância do estágio curricular supervisionado na construção da identidade profissional, preparando os futuros enfermeiros para atuar com competência e sensibilidade.

CONCLUSÃO

A experiência de estágio curricular supervisionado no TAV proporcionou aos acadêmicos de enfermagem uma vivência extremamente enriquecedora, que ultrapassou a

simples execução técnica dos conhecimentos aprendidos em sala de aula, na disciplina de saúde da criança, sobre a manutenção do PICC oncopediátrico. O contato com os pacientes e suas famílias permitiu o desenvolvimento de habilidades interpessoais fundamentais, como empatia, comunicação assertiva e acolhimento caloroso baseado nas necessidades individuais e particulares do público cuidado.

No começo, cientes da complexidade dos casos e das diferentes responsabilidades envolvidas no cuidado pediátrico, o receio e a insegurança eram predominantes nos estudantes. Contudo, com o apoio constante dos profissionais do TAV, o ambiente lúdico e a abordagem agradável proporcionaram um espaço para a aprendizagem, tornando o processo mais fluido e eficaz. Assim, os acadêmicos não apenas superaram seus medos, mas também adquiriram autonomia e confiança na realização dos procedimentos.

Conforme afirmam Pascoal e Souza (2021), o estágio supervisionado é crucial para a formação do enfermeiro, pois permite vivências práticas da profissão em contextos diversos, aproximando o acadêmico dos desafios e das demandas reais do cotidiano do trabalho na assistência. No contexto pediátrico, em que essas demandas são bastante particulares, essa experiência se mostra ainda mais importante e pode se tornar um diferencial na formação acadêmica.

Dessa forma, o estágio curricular no TAV, na disciplina de saúde da criança, não apenas contribuiu para o crescimento profissional dos acadêmicos, mas também moldou suas essências enquanto futuros enfermeiros. A transição da observação para a prática foi um divisor de águas, evidenciando que, embora o início seja repleto de desafios, o caminho do cuidado é construído com conhecimento, dedicação e, acima de tudo, humanidade.

REFERÊNCIAS

BERGAMI, C. M. C.; MONJARDIM, M. A. C.; MACEDO, C. R. Utilização do cateter venoso central de inserção periférica (PICC) em oncologia pediátrica. *REME-Revista Mineira de Enfermagem*, v. 16, n. 4, p. 538-545, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rem/article/view/50283>. Acesso em: 1 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Manual de cuidados com cateter venoso central de inserção periférica (PICC)*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2021.

ELER, M. S.; ALBUQUERQUE, R. C. A participação da criança nos cuidados em saúde: um imperativo ético-jurídico. *Revista Iberoamericana de Bioética*, n. 10, p. 1-12, 2019. Disponível em:

<https://revistas.comillas.edu/index.php/bioetica-revista-iberoamericana/article/view/9205>.

Acesso em: 1 abr. 2025.

MELO, G. A. A.; SOUSA, S. M. C.; SANTOS, M. D. A atuação do time de acesso venoso na assistência pediátrica: uma análise qualitativa. *Revista Nursing*, v. 25, n. 286, p. 5167-5173, 2022. Disponível em: <https://www.revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/download/1173/1404/3378>. Acesso em: 1 abr. 2025.

MIRANDA, S. F.; MEIRELLES, R. M. Relato de experiência como método de pesquisa: reflexões a partir da área da saúde. *Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde*, v. 22, n. 1, p. 15-24, 2020.

PASCOAL, M. M.; SOUZA, V. de. A importância do estágio supervisionado na formação do profissional de enfermagem. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 7, n. 6, p. 536-553, jun. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v7i6.1408>. Acesso em: 1 abr. 2025.

PEREIRA, K. S.; LOPES, M. E. R.; SANTOS, M. S. Assistência de enfermagem na manutenção do cateter venoso central de inserção periférica em neonatos e crianças: uma revisão integrativa. *Revista de Enfermagem Pediátrica*, [s. l.], v. 34, n. 2, p. 112-124, 2021.

SANTOS, P.; ALMEIDA, L. Capacitação e treinamento para manutenção do PICC pediátrico: um olhar sobre a formação acadêmica. *Revista de Enfermagem Contemporânea*, v. 8, n. 2, p. 45-59, 2021.

SILVA, A.; DOMINGOS, R. Complicações associadas à infecção do cateter venoso central de inserção periférica em oncologia pediátrica. *Anais do III Seminário de Epidemiologia do Câncer*, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/iiiiseminario-epidemiologia-cancer/628998-complicacoes-associada-a-infeccao-do-cateter-venoso-central-de-insercao-periferica-em-oncologia-pediatria/>. Acesso em: 31 mar. 2025.

SOUZA, A. C.; OLIVEIRA, C. S.; SILVA, R. F. Aspectos técnicos e emocionais no manejo do cateter PICC em pacientes pediátricos: desafios para a enfermagem. *Jornal Brasileiro de Enfermagem*, [s. l.], v. 75, n. 3, p. 98-110, 2020.